



## COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

GONÇALVES, Márcia Castanho Lavaqui. Os mecanismos de defesa corporais e psíquicos. o caminho do corpo na terapia morfoanalítica. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 20º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2015. [ISBN – 978-85-69218-00-5]. Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

---

## OS MECANISMOS DE DEFESA CORPORAIS E PSÍQUICOS. O CAMINHO DO CORPO NA TERAPIA MORFOANALÍTICA

Márcia Castanho Lavaqui Gonçalves

### RESUMO

Uma das dificuldades encontradas para a evolução do processo terapêutico são as defesas utilizadas pelo paciente, psíquicas ou corporais. Na Terapia Morfoanalítica, a forma como a pessoa vive e se coloca na vida e nas relações está de acordo com e pode ser compreendida por sua Estrutura Muscular de Comportamento. Trabalhar com o corpo e a partir do corpo pode ser mais um meio ao alcance do terapeuta para ultrapassar certas defesas. Os mecanismos de defesa utilizados aparecerão durante o trabalho psicocorporal Morfoanalítico. Na Terapia Morfoanalítica, partimos da experiência corporal para alcançar o psíquico que está ancorado no fisiológico.

**Palavras-chave:** Terapia Corporal. Cadeias musculares. Mecanismos de defesa. Psicologia. Morfoanalise.

---

É temerário legar todas as soluções da existência ao nosso conhecimento limitado do cérebro. A própria psicanálise deve seu surgimento aos padecimentos do corpo. Charcot, que foi mentor de Freud, já dizia que as doenças orgânicas, que ele tentava tratar, são suscetíveis às vicissitudes da mente. Freud por sua vez, passou a dedicar maior atenção à pesquisa das afecções mentais e colocou em segundo plano a investigação dos fatores psíquicos associados à eclosão das doenças orgânicas. Então, depois deles diversos autores importantes da psicanálise estudaram esta interligação entre o corpo e a mente. Reich, Ferenczi, Groddeck, os pioneiros, e F. Alexander, P. Marty, J. MacDougall entre outros. Esta é a história muitíssimo resumida do movimento que se iniciou a partir do corpo, foi para a psique e a tentativa de integrá-los que se estende até os dias de hoje. Faz parte da história da pesquisa das doenças orgânicas, tão extensa quanto a história da humanidade e da medicina. O que podemos constatar é uma constante integração, desintegração e depois uma nova tentativa de integração sobre o que é do humano, seja no campo fisiológico ou no patológico. A partir dos anos 60, na França, F. Mézières começou a perceber que os desequilíbrios da estática (da boa verticalidade corporal) não eram causados por culpa da gravidade e falta de força como pregava a medicina tradicional. Os desequilíbrios da estática são todas as formas de desequilíbrio da verticalidade do ser humano, que leva a um quadro de dores crônicas que muitas vezes não tinham explicação. Esta senhora percebeu que o sistema muscular estava



## COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

GONÇALVES, Márcia Castanho Lavaqui. Os mecanismos de defesa corporais e psíquicos. o caminho do corpo na terapia morfoanalítica. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 20º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2015. [ISBN – 978-85-69218-00-5]. Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

---

muito mais implicado do que se supunha. O que se pregava até então era que faltava a esta pessoa um tônus muscular que o sustentasse, a solução proposta era o fortalecimento de certos grupos musculares em detrimento de outros, pensamento baseado apenas na fisiologia anatômica. Isto quer dizer que se esquecia de olhar para o ser humano em movimento e não como um manequim. Mézières trouxe um novo panorama, percebeu que havia um desequilíbrio entre os grupos musculares, e não falta de força. E que para organizar devia-se diminuir a força extrema dos mais fortes e permitir a ação dos mais fracos que então iriam ganhando força naturalmente nos esforços diários da pessoa.

Serge Peyrot, fisioterapeuta, discípulo de Mézières, começou a aplicar este trabalho de organização tônica em seu consultório. Atendendo centenas de pacientes percebia que era um bom trabalho, mas sentia-se insatisfeito com a divisão instalada a partir de um ponto de vista exclusivamente muscular em detrimento do que a pessoa sentia, dizia e expressava durante e depois das sessões corporais. Claramente percebeu que estas manifestações tinham uma relação direta com o trabalho realizado, e que não atendê-las seria um prejuízo da clínica. Entendia que a relação terapêutica que se instalava a partir dos cuidados corporais tinha muito mais implicações do que supunha Mézières. Decidiu começar a estudar estas manifestações a partir de um viés psicanalítico. Entre os diversos psicanalistas que procurou um em particular chamou sua atenção. Era Jean Sarkissoff, que preconizava uma psicanálise ativa, e integrava o toque nas suas sessões. Utilizando os conceitos de Jean Sarkissoff, pouco a pouco Serge começou a integrar com o trabalho corporal que executava no consultório, o que era do âmbito da relação transferencial e do conhecimento psicanalítico. Desde então vem desenvolvendo uma técnica terapêutica que trabalha o corpo e as vicissitudes corporais diretamente *no* corpo dentro de um quadro bem organizado que permite transitar entre o verbal e o corporal, o presente e o passado, entre o simbolizado e o não simbolizado. Esta possibilidade permite uma integração surpreendente dos diversos aspectos patológicos que um sintoma transmite. Neste caso não para livrar-se do sintoma, mas para compreendê-lo dentro da história da pessoa e aí sim poder organizar as forças corporais e pulsionais. Uma prática que partiu de uma demanda clínica. Do ponto de vista dinâmico, de acordo com Otto Fenichel,

O modelo básico que serve à compreensão dos fenômenos mentais é o arco reflexo. Estímulos que vêm do exterior ou do corpo iniciam um estado de tensão que exige descarga motora ou secretória, acarretando o relaxamento. Entre o estímulo e a descarga, contudo trabalham forças que se opõem à tendência de descarga. A tarefa imediata da psicologia é o estudo destas forças inibidoras, da respectiva origem e do efeito respectivo sobre a tendência



## COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

GONÇALVES, Márcia Castanho Lavaqui. Os mecanismos de defesa corporais e psíquicos. o caminho do corpo na terapia morfoanalítica. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 20º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2015. [ISBN – 978-85-69218-00-5]. Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

---

á descarga. Se não existissem estas contra-forças não haveria psique, mas apenas reflexos. (Fenichel 2000:09).

E continua,

(...) vê-se que a psicologia psicanalítica (...) explica os fenômenos mentais como sendo o resultado de interação e da contra-ação de forças, ou seja, de maneira dinâmica (grifo do autor)."

"(...) as forças cuja interação se supõe expliquem os verdadeiros fenômenos mentais têm direções definidas- encaminham-se para a mobilidade ou dela se distanciam (...) (.Fenichel 2000:09).

Observem que estamos falando de força, energia, descarga, movimento, inibição, contra-ação, dinâmica, imobilidade. Da mesma forma, o estudo da função muscular é baseado no arco reflexo, que é desencadeado a partir de um estímulo externo ou interno, e seríamos movidos apenas por arcos reflexos se não fossem as interações constantes entre as forças musculares agonistas e antagonistas. Forças que se opõem num estudo de anatomia, mas que ao se estudar a fisiologia, estão agindo em parceria, sinergicamente, modulando o gesto para que seja preciso, harmônico. Portanto o movimento humano é o resultado desta interação de forças e seu estudo deve ser realizado de maneira dinâmica. Este foi um grande marco para o estudo das patologias do sistema musculoesquelético, mas que podemos estender para o funcionamento dos sistemas a ele relacionados, e podemos ver que este pensamento já havia aparecido, com Franz Alexander,

O soma não pode ser reduzido aos órgãos vegetativos, mas inclui também todo o sistema neuromuscular". A manifestação da doença depende da relação entre as estruturas de personalidade do sujeito, os conflitos de base, as musculaturas voluntária e involuntária e o sistema visceral/neurovegetativo, bem como da situação exterior que mobiliza conflitos primitivos, atingindo defesas que o paciente elaborou contra eles. (in Aguida,2015)

Estamos nos deparando com dois aspectos da pessoa que têm uma dinâmica muito parecida e que se desenvolvem ao mesmo tempo desde o nascimento, ou seja, o aparelho psíquico que está fortemente vinculado aos aspectos relacionais-emocionais do bebê com o entorno e o aparelho musculoesquelético, que leva o ser humano da horizontal à vertical em um ano. Um trabalho hercúleo, e não podemos pensar que um não afete o outro, lembrando que ambos dependem do desenvolvimento do SNC. É a Unidade Psicopostural concebida por Serge Peyrot.

Ao nascermos não existe a possibilidade de um gesto espontâneo porque todo o



## COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

GONÇALVES, Márcia Castanho Lavaqui. Os mecanismos de defesa corporais e psíquicos. o caminho do corpo na terapia morfoanalítica. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 20º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2015. [ISBN – 978-85-69218-00-5]. Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

---

S.N. ainda não está maduro. Da mesma forma não existe um aparelho de pensar capaz de decifrar as sensações corporais, nomeá-las e acalmar a angústia que o bebê vive neste momento. Mesmo que pudesse, não seria capaz de agir, indo à busca de satisfação das necessidades biológicas para recuperar o equilíbrio da tensão que foi alterado pelo estímulo desencadeante. Desta forma o bebê humano depende de um outro que decifre suas necessidades e garanta satisfação, até que possa fazê-lo, e que possa fazê-lo de maneira consciente, deixando de agir apenas reflexamente, passando a controlar o gesto e agindo por escolha. Todos já tiveram a oportunidade de observar um bebê em repouso. Está absolutamente entregue, em abdução total, braços e pernas abertas, o peso solto. Mas se algo o incomoda abruptamente, um barulho, ou a fome, ele se contrai totalmente frente a este estímulo desagradável. Podemos chamar esta alteração como um mecanismo de defesa que garante a sobrevivência. Revela um sofrimento já nos primórdios da sua existência, mesmo antes da instalação de um aparelho de pensar, portanto da possibilidade de simbolizar e de fazer parte da história da pessoa. Dependendo do quantum da experiência desagradável, ou da resposta do entorno a esta experiência, e da repetição da mesma, o traumatismo pode ficar gravado nos tecidos, sem poder ser simbolizado. Estas experiências marcadas no corpo como tatuagem surgem durante o trabalho Morfoanalítico, de forma gradual, ou às vezes de forma abrupta. Eram destas manifestações que Serge Peyrot falava que surgiam nas sessões e que ele pôde depois associar com o pensamento analítico.

Muitas vezes a realidade externa: física e psíquica é vivenciada como demasiadamente caótica ou inadaptada, ou então as experiências corporais/sensoriais/emocionais datam de uma época arcaica que não permitiu que fossem simbolizadas. Nesses casos, essas redes ficam memorizadas no corpo como uma matéria bruta, sem poder ser transformadas em representações internas (Serge Peyrot, 2010).

Em análise com crianças, a interpretação vem a partir da comunicação gestual de seus conflitos durante os jogos lúdicos. É possível com crianças que ainda não têm uma interdição forte da expressão de si mesmas. Como proceder com adultos, presos sob esta interdição, que não se expressam livremente e, portanto encontram-se impossibilitados de comunicar seu sofrimento verbalmente?

Marty afirma que a pessoa com esta memória arcaica sem palavras irá expressar-se por ações do sistema sensório-motor.

Condutas pouco elaboradas do ponto de vista psíquico são então adotadas para minimizar o impacto causado pelas excitações. Isso sugere que o inconsciente não consegue se comunicar mediante o emprego de



## COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

GONÇALVES, Márcia Castanho Lavaqui. Os mecanismos de defesa corporais e psíquicos. o caminho do corpo na terapia morfoanalítica. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 20º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2015. [ISBN – 978-85-69218-00-5]. Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

representações e tende a encontrar no comportamento sua única possibilidade de expressão. Pode-se supor, diante do exposto, que a restrição fantasmática que os caracteriza faz do aparelho sensorio-motor uma via privilegiada de exteriorização das demandas pulsionais. (Marty, 1993, in Peres 2006).

Ou o que fazer por aqueles que nem podem imaginar que o sofrimento verbalizado, seja de ordem corporal ou emocional, são associados? O terapeuta morfoanalista aprende a traduzir o que o adulto expressa com seu corpo, sem o saber, durante as sessões, durante os trabalhos corporais e relacionais.

“Estou convencido que o trabalho corporal é compatível com a teoria e com a condução analítica do processo terapêutico, que ajuda a pensar e inclusive ajuda a alcançar, reorganizar e simbolizar camadas arcaicas de memórias boas e outras traumáticas. Muitas memórias foram registradas, mas nunca tiveram oportunidade de fazer parte da história da pessoa, e permaneceram ativas no inconsciente (...)”. (Peyrot, 2010).

Marty fala de alterações por via do comportamento, mas também o conflito pode se expressar por somatizações.

Partindo do princípio de que somos uma unidade, Serge Peyrot afirma que a estrutura altera a função assim como a função altera a estrutura. Isto significa que uma patologia visceral pode ser vítima de uma patologia do sistema musculoesquelético e o contrário também é verdadeiro. Seria muito simples reorganizar o equilíbrio tônico de uma pessoa se este equilíbrio não estivesse intimamente imbricado com a dinâmica dos fenômenos mentais.

Biomecânica quando um movimento está limitado por excesso de contenção, há uma inteligência nisto, algo está sendo protegido. O que se protege. Vamos pensar numa estrutura em particular, a coluna. Sem entrar em questões profundas da biomecânica, quero lembrar que o disco intervertebral tem uma função importante de amortecedor e distribuidor das tensões verticais para o anel fibroso e coluna. Quando um peso de 50 kg se desloca para frente, vou precisar de uma força muscular equivalente a 100 kg atrás para não cair para frente, é uma contração de defesa. Como resultado, o disco, que fica no meio destas forças vai receber uma força equivalente a 150 kg. Se isto permanece, como é o caso de uma pessoa que tem o equilíbrio anteriorizado, uma rigidez muscular se instala como proteção, mas causa um dano no disco intervertebral. Dinamicamente perde-se movimento em benefício de proteção, há um gasto energético maior, contrário a um dos princípios do bom equilíbrio que é a economia de energia. E isto se falando apenas da coluna, o dano é muito maior se consideramos que os músculos agem em cadeias, e outras áreas do corpo estão sendo requisitadas como proteção ou por reação. Podemos chamar isto que acabo de explicar como



## COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

GONÇALVES, Márcia Castanho Lavaqui. Os mecanismos de defesa corporais e psíquicos. o caminho do corpo na terapia morfoanalítica. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 20º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2015. [ISBN – 978-85-69218-00-5]. Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

---

um mecanismo de defesa corporal. Mas podemos nos perguntar o que leva a pessoa a anteriorizar o eixo vertical? Há um conflito instalado, onde este conflito começou?

Durante os trabalhos corporais, sejam posturais globais ou mais localizados como as massagens profundas do tecido conjuntivo, o terapeuta, ciente destas defesas físicas, vai trabalhar até o limite da elasticidade, antes que sejam acionadas as defesas reflexas, quer dizer, vai evitar as contrações de defesa automáticas. Saindo do automatismo solicitamos que o paciente mantenha esta postura global de estiramento, incluindo o diafragma, o maior tempo possível. É preciso que o paciente esteja de acordo com esta intenção e também participe ativamente e com o máximo de consciência para evitar o automatismo, que é inconsciente. Estamos desarmando uma postura de contração protetora inconsciente. Nestes momentos podem aparecer reações do SNA, então é preciso ajudar o paciente a aceitar e ultrapassar. Uma grande quantidade de energia, que estava contida nas contrações de defesa está sendo mobilizada, ao mesmo tempo em que o conteúdo emocional que estava contido nelas. É possível porque o paciente deixa de viver um conflito interno sozinho, ele sente a presença do terapeuta em cada toque, em cada músculo, em cada milímetro de retração que se solta. Este jogo de forças que aparece na sessão de trabalho postural é o resultado de uma sintonia tônica profunda entre terapeuta e paciente.

É um trabalho ao mesmo tempo biomecânico, com orientações muito precisas a serem seguidas, mas ao mesmo tempo um trabalho relacional. Quase num acordo em comum terapeuta e paciente vão em busca de colocar este corpo e esta alma coabitando o mesmo espaço e funcionando plenamente no presente.

Como sente que está acompanhado, e principalmente sente-se orientado para uma reorganização das forças que o mantinham em uma Estrutura Muscular de Comportamento que já não lhe agradava ou lhe causava dor, física ou psíquica, mas da qual não podia se desfazer sem ajuda, o paciente agora pode viver mais plenamente sem bloqueios e com mais energia.

Quando as tendências à descarga e às tendências a inibição são igualmente fortes (...) a energia consome-se em luta interna oculta; o que se manifesta clinicamente, pelo fato de os indivíduos sujeitos a conflitos desta ordem mostrarem sinais de exaustão sem produção de trabalho perceptível. (Fenichel 2000:11).

Freud chamou este fenômeno de psicoeconomia, e as pessoas com este quadro estão cansadas porque andaram a consumir energia numa luta entre forças internas. Mas não podemos nos esquecer de que esta luta se passa no corpo, campo de trabalho do Terapeuta Morfoanalista, e portanto, podemos



## COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

GONÇALVES, Márcia Castanho Lavaqui. Os mecanismos de defesa corporais e psíquicos. o caminho do corpo na terapia morfoanalítica. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 20º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2015. [ISBN – 978-85-69218-00-5]. Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

---

abordar este desequilíbrio observando o que o paciente faz com a distribuição de forças no seu corpo. ( Gonçalves,MCL; 2007)

Penso que podemos considerar o estudo da dinâmica das cadeias de compensação musculares que nos mantém presos em Estruturas Musculares de Comportamento, justamente esta que nos dá nossa individualidade, como mais um meio ao alcance do terapeuta para o descobrimento do que na vida mental jaz escondido, esquecido, reprimido ou nunca simbolizado.

Assim como fazemos com o estudo das ideias livremente associadas, seus sonhos, falhas e ações sintomáticas.

A manutenção da verticalidade é garantida pelo indivíduo a qualquer custo, é algo comparável aos mecanismos de defesa psíquicos, é feito para garantir a sobrevivência. Ficar em pé com o mínimo esforço requer um esforço de consciência. Já tiveram a oportunidade de observar o bebê quando começa a encontrar sua verticalidade? É um momento único, a percepção do próprio eixo de verticalidade e da consciência de si no mundo. E em perfeita harmonia com ele. A gravidade dialoga com o equilíbrio, eles estão em acordo, não há conflito como se acreditava.

Mas eis que o bebê encontra um conflito, ele deseja ir até um objeto, para isto vai precisar deslocar seu centro de gravidade sem cair. Vai precisar de muito treino, até conseguir aprimorar esta aquisição. É o que os grandes pintores, músicos, cirurgiões fazem, muito treino. Mas estes assim como os bebês, precisam administrar as exigências do entorno, sua imaturidade neuromuscular para o gesto e os impulsos primitivos do id. Temos então um conflito instalado entre o desejo, o impulso, a incapacidade, a impossibilidade e a interdição.

Neste caso acredito que a forma como a pessoa instalou sua estrutura muscular de comportamento pode dar pistas do caminho das defesas instaladas frente aos conflitos. Os sintomas de substituição são os padecimentos que aparecem quando o indivíduo precisou conduzir ao inconsciente (e o corpo é um bom depósito do inconsciente) um desejo proibido. Já que podemos suprimir do consciente as sensações corporais diminuindo a respiração, não sentir o corpo é uma boa saída. Fazer o caminho inverso destas defesas musculares e dos sintomas de substituição em conjunto com os meios disponíveis, fortalece a interpretação.

Quando trabalhamos no sentido de aumentar a consciência corporal ajudamos o indivíduo a se aproximar de sua realidade atual, consciente e inconsciente. Ele começa a aprender a linguagem de seu corpo. É o trabalho do sintoma, não para livrar-se dele, mas para



## COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

GONÇALVES, Márcia Castanho Lavaqui. Os mecanismos de defesa corporais e psíquicos. o caminho do corpo na terapia morfoanalítica. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 20º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2015. [ISBN – 978-85-69218-00-5]. Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

compreendê-lo. A ideia, ou o desejo reprimido, ou seja, a causa do sintoma, foi suprimida do consciente por forças poderosas, a interdição. Mas o desejo tem o mesmo

poder e não desiste de encontrar uma oportunidade para se revelar. O desejo esconde-se das forças defensivas (repressoras) do ego sob a forma de um sintoma (desejo disfarçado) e não abandonará seu intento até que alguém o ouça e o satisfaça ou, que seja sublimado. Pode-se até extirpar os sintomas (com cirurgias, analgésicos, antidepressivos...) parece ter se calado o desejo, mas se resta vida e energia ao indivíduo, o desejo logo vai se manifestar novamente e todo o processo pode recomeçar.

Justamente porque este equilíbrio tônico é único em cada um de nós, que nos defrontamos com o maior desafio. Qualquer proposta de um novo equilíbrio corporal vai se deparar com esta organização já estabelecida e resistente a mudanças.

O quadro Morfoanalítico permite ao terapeuta entrar em contato com este jogo de forças entre o desejado e o reprimido, a ação e a contenção, que quando em sinergia produzem movimento e que permite ao indivíduo ter um equilíbrio que lhe é próprio, mas que às vezes lhe custa caro, e o mantém mais ocupado em conter do que em agir.

Entendemos então que o trabalho corporal, que reorganiza a postura global, está reativando as redes de conexões sensoriais/emocionais que são responsáveis pelo equilíbrio psicopostural da pessoa que foi construído ao longo do tempo.

É como uma teia de aranha e o T puxa um fio que leva a outro e a outro... até reunir os componentes essenciais da situação traumática que não pôde ser pensada.

Assim estamos sempre num **movimento duplo de decomposição e recomposição**.

Mas o efeito terapêutico não pode ser considerado fora da relação T./P., pois a capacidade de pensar se desenvolve na **inter-subjetividade**.

Quando a psique infantil está enfrentando acontecimentos impensáveis, precisa que um outro seja capaz de pensar por ela para que a experiência se transforme em material disponível para criar pensamentos.

Por isso, na hora do reencontro com o material bruto memorizado, a empatia física e psíquica do terapeuta é fundamental para que o paciente possa interiorizar a **capacidade de contenção** que é fundamental para poder pensar. (Peyrot,2010).

## REFERÊNCIAS

AGUIDA, H.A.C., **O Fenômeno psicossomático**, aula do módulo de Aspectos médicos do fenômeno psicossomático, do curso de Psicossomática Psicanalítica do Instituto SEDES, São Paulo, 2015.



### COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

GONÇALVES, Márcia Castanho Lavaqui. Os mecanismos de defesa corporais e psíquicos. o caminho do corpo na terapia morfoanalítica. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 20º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2015. [ISBN – 978-85-69218-00-5]. Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

FENICHEL, Otto. **Fundamentos de Psicanálise**, São Paulo, Atheneu, 2000

Gonçalves, M.C.L. **Seguindo as correntes de reflexos antálgicos no corpo e no psiquismo**, III Congresso Internacional de Terapia Morfoanalítica, Espanha, 2007.

PERES, R.S. **O corpo na psicanálise contemporânea: sobre as concepções psicossomáticas de Pierre Marty e Joyce McDougall**, Psic. Clin., Rio de Janeiro, Vol. 18, n.1, p.165-177, 2006

Peyrot, S. **Subjetivando o corpo e Objetivando as emoções**, Palestra realizada no Instituto Sedes em São Paulo em 28 de setembro de 2011.

#### AUTORA e APRESENTADORA



**Márcia Castanho Lavaqui Gonçalves / São Paulo / SP / Brasil**

Fisioterapeuta (Crefito: 3-4062-F), Terapeuta Morfoanalista, Psicossomático pelo Instituto SEDES (término da Formação em dez.2015), Coordenadora e Assistente de Formação em Terapia Morfoanalítica no Brasil.

**E-mail:** [marcia.lavaqui@hotmail.com](mailto:marcia.lavaqui@hotmail.com); [marcia@terapiamorfoanalitica.com.br](mailto:marcia@terapiamorfoanalitica.com.br)